

**KAMBA'I:
ENSAIO SOBRE O USO DA LITERATURA INDÍGENA PARA UMA
EDUCAÇÃO INTERCULTURAL**

KAMBA'I: ESSAY ON THE USE OF INDIGENOUS LITERATURE FOR
INTERCULTURAL EDUCATION

Francis Mary Soares Correia da Rosa¹
Universidade Estadual da Bahia - Feira de Santana

RESUMO

O presente artigo discute sobre como a literatura indígena pode ser um mecanismo de aplicabilidade da Lei 11.645/2008 na educação, no que diz respeito ao ensino da cultura indígena por meio do pressuposto teórico da interculturalidade. Para tal, foi utilizada a noção de livro-rizoma (na perspectiva filosófica deleuzeana) como mecanismo capaz de permitir uma mediação dialógica entre culturas e modos de vida diferenciados. Foi analisada uma das obras literárias do autor guarani, Olívio Jekupé, como possibilidade de viabilizar a aplicação da lei supracitada no que concerne ao ensino e ao empoderamento das minorias historicamente destituídas de voz e exiladas da história oficial como as sociedades indígenas.

Palavras-chave: Literatura. Interculturalidade. Educação. Indígena. Lei 11.645/2008.

Preciso ser outro para ser eu mesmo,
Sou grão de rocha,
Sou o vento que a desgasta,
Sou pólen sem inseto,
E areia sustentando o sexo das árvores.
Existo, assim, onde me desconheço,
Aguardando pelo meu passado,
Receando a esperança do futuro.
No mundo que combato morro,
No mundo porque luto, nasço.
Mia Couto, in "Raiz de Orvalho e Outros Poemas"

1 INTRODUÇÃO

A Lei 11.645/2008² (BRASIL, 2008) estabelece como obrigatório o ensino da cultura e da história afro-brasileira e indígena nas escolas das redes pública e privada de ensino básico. Desde então, é recorrente a discussão sobre a forma e o viés

¹ Mestranda Crítica Cultural e Pós-Crítica da Universidade Estadual da Bahia, na linha de pesquisa "Margens das Literaturas". Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado da Bahia (2005) e possui Especialização em Filosofia Contemporânea pela UEFS (2010). Professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação. E-mail: francismrosa@hotmail.com

² Em 2008, a Lei nº 10.639/2003 sofreu novas alterações. Seu texto foi ampliado e originou a Lei nº 11.645/2008, que acrescentou os estudos da história e das culturas dos povos indígenas: "Artigo 26-A. Nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e de Ensino Médio, públicos e privados, é obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena".

historiográfico que contextualizará a implantação dessa lei. O que nos preocupa aqui é que, mesmo se distanciando das discussões que rebatem a aplicabilidade e a legitimidade de tal lei, ela abre espaço para se discutir sobre a perspectiva intercultural na escola, principalmente na produção historiográfica e na literatura de grupos historicamente destituídos de poder.

O conceito de cultura é demasiado amplo e recoberto de significações e ressignificações ao longo do percurso histórico. De uma forma geral, se nos ativermos a uma definição ampla de cultura, tal como a adotada por Coll (2000, p. 75), podemos considerar que o aspecto cultural engloba várias dimensões e constitui um espaço de troca e multiplicidade, pois, do contrário, quando negamos a diversidade de culturas e impomos um único modelo para experienciar e significar a vida, destituímos o caráter amplo e multissignificante da diversidade cultural e negamos uma heterogeneidade presente na própria condição humana. Essa perspectiva, que busca ampliar o olhar sobre as diferenças culturais e expandir a conquista do poder para as minorias, na esfera da produção intelectual e do âmbito escolar, é também uma forma de nos impulsionar a refletir sobre como vivenciamos tais diferenças e como experienciamos uma alternativa que ultrapasse o lugar dos guetismos culturais, da mestiçagem e do homogeneamento cultural.

Desenvolver um trabalho que se baseie em um conceito intercultural requer que tenhamos bem consolidado o que entendemos por tal conceito. Nesse desafio, utilizamos a conceituação geral e presente em diversos autores, que definem a interculturalidade como uma reciprocidade de perspectivas, como um imperativo da condição humana atual (VACHON, 1997). E mesmo que não haja consenso acadêmico sobre as devidas diferenciações entre as diversas concepções, é necessário esclarecer que existe uma característica básica que especifica o intercultural. Segundo Candau (2003, p. 3), é “[...] a deliberada inter-relação entre diferentes culturas [...]”. É o estabelecimento de uma relação dialógica sem a constituição de uma hierarquia de ordem lógica, de crenças ou matizes. O intercultural é um imperativo que promove uma violência de sentidos em todas as culturas envolvidas de forma a instaurar uma multiplicidade rizomática.

A interculturalidade, em definitivo, representa uma experiência libertadora para todas e cada uma das culturas que interagem, por meio da qual podemos reconhecer os limites inerentes a nossas culturas e nossos mundos; ao mesmo tempo, porém, ela nos permite perceber o caráter

infinito e transcendente de nós mesmos, de nossas identidades e de nossos respectivos mundos. (COLL, 2002^a, p. 51)

Para Deleuze e Guattari (2009), a noção de rizoma assume um caráter fundamental em sua obra, pois é a partir dela que se erige uma valorização da diferença em contraposição à procura por identidade. É a busca pela constante reafirmação e repetição do devir que, ao se reafirmar, nunca é o mesmo. O rizoma tem princípios que, ao contrário, não expressam uma estrutura definida, mas um conjunto de pistas para construir uma elaboração associada ao seu próprio caráter de multiplicidade. Essa multiplicidade contempla o conceito de interculturalidade, aqui utilizado como uma proposta para a implantação da lei do ensino da cultura indígena no espaço das escolas de ensino básico.

2 O LIVRO-RIZOMA: CAMINHO PARA A INTERCULTURALIDADE

Deleuze e Guattari se apropriam da noção de rizoma, oriunda da botânica, para exemplificar a forma pela qual teríamos uma filosofia da multiplicidade. Em botânica, o rizoma é um tipo de caule que assume características heterogêneas e que ora se estrutura de forma descentralizada, em contraponto ao modelo arbóreo, ora de modo subterrâneo, aéreo ou ramificado. O rizoma, que também assume funções diferenciadas na própria planta, pode ser um órgão de reprodução vegetal. O conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari exponencialmente amplia o conceito botânico. Para os autores, há rizoma por toda parte: plantas radiculadas podem ser rizomórficas, animais em coletivos, tocas com todas as suas possibilidades, e a própria imagem do homem na terra é rizomórfica (DELEUZE, 2009, p. 15).

Em vez da imagem da árvore-uniidade constituída de um único feixe de raízes que geram um caule central de ramificações, a nova imagem de pensamento rizomática nos propõe a pensar em função de um caule heterogêneo que cresce de maneira acentrada, sem eixos centrais: a conexão se desenvolve através do caule (rizoma) em uma rede única que se expande em várias direções.

A noção de livro rizoma presente na obra de Deleuze e Guattari (2009) nos permite esboçar um campo de análises que se conecta a uma teoria literária multissignificante: o livro rizoma. Esse sistema, que se funda numa abordagem da filosofia das multiplicidades, potencializa os aspectos presentes na obra literária como criadora de significado e significante. Dessa forma, uma obra literária, além de seu

próprio universo conotativo, ganha uma multiplicidade de sentidos possíveis (e impossíveis) ao texto literário. Ao instaurar linhas de fuga, a escrita literária possibilita rupturas no esquema radicular e promove frestas no discurso do poder, propondo empoderamentos. Assim, a literatura indígena surge como uma possibilidade de constituir devires e agenciamentos de poder, capaz de conectar multiplicidades e de experimentar linhas de fuga que refletem o processo de criação.

O livro como rizoma é o produto de um esforço para se compreender o mundo sob o aspecto da multiplicidade e instigar a criatividade filosófica por meio de estranhamentos e encontros. É um caminho para uma proposta intercultural que abrange a filosofia das multiplicidades, um convite a criar. É preciso detectar o heterogêneo, as conexões possíveis e impossíveis. O livro rizoma interage na perspectiva de uma literatura intercultural e, como tal, a proposta é de reconhecer suas conexões com a alteridade, nunca, a busca por identidades.

Tal percepção rizomática nos propõe uma concepção do livro rizoma como um texto aberto, em movimento, e não, uma composição enrijecida e hierárquica. Nesse contexto, as textualidades nativas surgem como uma escolha que pluraliza esses dinamismos e nos oferece saídas para a percepção de um grupo, de uma sociedade, pois o escritor ou ensaísta não fala somente por si mesmo, ele é o porta-voz habilitado por outras vozes, por isso a literatura indígena pode ser considerada uma expressão da literatura menor.³

A literatura é rizomática, mas deve ser constituída por fluxos e linhas de fuga, por isso a literatura pode aparecer conectada a um projeto de interculturalidade sem perder sua organicidade, sua totalidade e sua autonomia. O caminho das multiplicidades nos convida a buscar estratégias de inteligibilidade das múltiplas formas de vida até mesmo dentro da arte. Sua natureza incerta nos mostra que toda forma é um estado variável de algo que sempre está por vir. Mas, enquanto o rizoma não precede de início nem de fim, a literatura faz um corte (um mapa) e bloqueia os caminhos múltiplos discursivos para inserir sua voz ou vozes, operando novos desvios, novos significados, mesmo no que ainda é interditado. Em seguida, ela esboça uma linha que corre em direção ao futuro, o que desestabiliza (decalca) o presente.

³ Em Kafka: para uma literatura menor, Deleuze e Guattari expõem assim o conceito de literatura menor: “[...] Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 38)

Rizoma é literatura, e essa literatura cria uma rede de questões convergentes, que projetam luz sobre um texto multifacetado. A literatura rizomática recusa interpretações, busca experimentações, opõe-se ao dado e ao identitário com outras modalidades e vai além dos seus limites: não há fórmulas ou hierarquias pré-estabelecidas. Assim, a literatura é um agenciamento que tem potencial de conectividade com outros agenciamentos e se associa a linhas de fuga, rompendo com a lógica binária hierárquica e instalando desterritorializações.

Deleuze e Guattari referem que o livro não deve dizer algo (buscar a verdade sobre alguma coisa) ou mesmo compreendê-lo, ele existe como um agenciamento capaz de conectar multiplicidades, de experimentar linhas de fuga que refletem o processo de criação.

Um primeiro tipo de livro é o livro-raiz. A árvore já é a imagem do mundo, ou a raiz é a imagem da árvore-mundo. É o livro clássico, como bela inferioridade orgânica, significativa e subjetiva (os estratos do livro). O livro imita o mundo, como a arte, a natureza: por procedimentos que lhes são próprios e que realizam o que a natureza não pode ou não pode mais fazer. A lei do livro é a da reflexão, o Uno que se torna dois. (DELEUZE, 2009, p. 13)

O livro rizoma é o devir presente em todas as coisas e se configura pelos próprios princípios rizomáticos, o que, aparentemente, aparece como contrário ou como efetivação de uma dicotomia, a saber: livro raiz-radícula e livro-rizoma. Na verdade, é um convite para se instaurar o intercruzamento, expandir as conexões e as multiplicidades. O livro rizoma é um livro de multiplicidades. Para instaurar um processo rizomático, é necessário esquecer a origem, as hierarquias, a “árvore plantada na cabeça” (Ibid p.25.) e implantar linhas de fuga. É preciso compreender que o livro, como imagem do mundo, não precisa dizer nenhuma verdade, porquanto se metamorfoseia ao adquirir continuidades, conexões e formam ecos no que antes parecia uma identidade solitária e estéril.

Deleuze propunha a percepção do movimento no livro como devir. Para o autor, é exatamente no meio que se faz o múltiplo, que os conceitos ganham velocidades, que o que antes parecia heterogêneo se conecta e produz novas linhas de fuga, territórios e desterritorialização. “[...] A história da filosofia deve não redizer o que disse um filósofo, mas dizer o que ele necessariamente subentendia, o que ele não dizia e que, no entanto, está presente naquilo que diz [...]” (DELEUZE, 2000, p. 169-170). É

justamente aí que se encontra o modelo do livro rizoma: promover encontros, fugas e estranhamentos. Só dessa maneira o pensamento adquire movimento.

Que novos territórios o livro rizoma pode fazer vibrar? Com que linhas de fuga ele pode fugir? Ora, as saídas serão sempre múltiplas. Não há sujeitos, métodos ou objetos, há somente linhas. É preciso fazer fluir as intensidades, razão por que Deleuze constrói sua obra, e a afirmação desse projeto rizomático sempre se remete ao campo literário. Por que a literatura? Em *Mil Platôs*, Deleuze (2009) afirma que a literatura é um tipo de agenciamento e que determinados tipos de literatura são potencialmente rizomáticas.

Em *Diálogos* (1998, p. 22), Deleuze explana que o universo literário, tal como a arte, durante muito tempo se constituiu como um decalque do modelo de representação do pensamento: os estilos, as normas e as escolas só funcionavam como maneiras de neutralizar devires e linhas de fuga. Contudo, há determinadas literaturas que produzem rupturas, linhas de fuga, que estão ávidas por experimentação. Dessa forma, uma literatura rizomática produz multiplicidades, provoca algum efeito, conecta-se para usos, adquire funções e se movimenta em seu devir. É uma toca cheia de entradas. Seus personagens são sempre imagens de desterritorialização que desfazem significações.

Ao longo de uma grande história, o Estado foi o modelo do livro e do pensamento: o *logos*, o filósofo-rei, a transcendência da Idéia, a interioridade do conceito, a república dos espíritos, o tribunal da razão, os funcionários do pensamento, o homem legislador e sujeito. É pretensão do Estado ser imagem interiorizada de uma ordem do mundo e enraizar o homem. Mas a relação de uma máquina de guerra com o fora não é outro ‘modelo’, é um agenciamento que torna o próprio pensamento nômade, que torna o livro uma peça para todas as máquinas móveis, uma haste para um rizoma. (DELEUZE, 2009, p. 36, grifo do autor)

Percebe-se que a literatura pode efetuar linhas de fuga e promover novos devires também do campo político e social, desde a reprodução de um estado de coisas até a recriação da subjetividade: o texto literário absorve e é absorvido, representa e é representado, é território (sedentário) e linha de fuga (nômade). Na liberdade de tudo dizer, o texto literário ultrapassa estratos cronológicos e geográficos e faz rizomas, florescendo no meio.

2.1 *Kamba'i*: a literatura indígena como uma proposta de ensino intercultural

Se a proposta da Lei 11.645/2008 é de estabelecer um contato e uma relação dialógica com diferentes culturas ou até culturas historicamente silenciadas, é notório direcioná-la para uma relação que favoreça o diálogo e uma relação intercultural com o outro, como salienta Mafalda Moço (2011, p. 1):

[...] Numa sociedade em que se fomente o diálogo entre as diferentes culturas, o indivíduo, enquanto ser social terá de ser educado, transformado, num ser intercultural, isto é, de forma muito simplificada, um ser capaz de estabelecer pontes de diálogo com o outro, que tem uma cultura diferente da sua, que é, simplesmente diferente. (MAFALDA MOÇO, 2011, p. 1)

Indígena da tribo guarani, Olívio Jekupé estudou Filosofia na USP, e apesar de não ter concluído, foi um dos mais importantes nomes da literatura nativa no Brasil. Sua preocupação com o empoderamento dos grupos indígenas é notória, principalmente no que se refere à literatura nativa, postulando que é preciso que os grupos indígenas tomem a autoria de sua própria história. Segundo Jekupé (2009, p. 11),

[...] faz tantos séculos que o Brasil foi dominado pelos jurua kuery, não índios em guarani, e desde aquela época, tudo o que se fala sobre nossos parentes é escrito por eles. Eu não via isso como algo interessante, porque nós temos que contar nossas histórias para nossos filhos e se tiver que ser escrita, por que não pelo próprio índio? (JEKUPÉ, 2009, p. 11)

Em *Kamba'i - Ajuda do Saci*, Olívio Jekupé transita um percurso de interculturalidade e apresenta um texto bilíngue (português e guarani), em que a personagem central – Vera - sonha em estudar na “cidade grande” e aprender a ler e a escrever em língua portuguesa. Com a ajuda de um casal de não índios, Vera concretiza o seu sonho e se destaca na classe como um dos melhores alunos, intercalando períodos na aldeia e na cidade grande, até que um acidente o coloca em estado de coma e, mais tarde, imobilizado. Sem resposta positiva dos médicos, Vera volta para a aldeia onde seu pai pede ajuda ao Saci, que, personificado na figura de um pequeno índio com cachimbo, prontamente o ajuda, aparecendo para seu filho. Vera, ao ver o lendário Saci, levanta em sua direção e percebe que o tempo todo podia andar, apenas tinha medo de andar outra vez.

Considerando que esta obra pode ser uma forma de aplicar a Lei 11.645/2008 pelo viés da interculturalidade, destacamos passagens da obra que nos permite

experienciar a proposta intercultural por meio da confluência entre duas vozes, historicamente isoladas de si ou em uma relação de ruptura.

A postura crítica do autor em relação à própria realidade, visto que a obra aposta em uma relação dialógica com o outro, valorizando uma educação para a diferença, é sentida na acolhida calorosa e respeitosa que Vera recebe do casal de não índios, da diretora e dos colegas da escola. A diferença entre as culturas não é destacada como um embate ou uma forçosa aculturação. O desejo do indiozinho era de aprender a ler e a escrever em língua portuguesa para ajudar seu povo. Ele nota, imediatamente, que os alunos não índios percebiam sua diferença, porém a diferença não era um veículo para discriminação, mas a oportunidade de um diálogo intercultural:

[...] Seus amigos não indígenas ficavam impressionados com sua inteligência e ao verem que ele, além de falar guarani, falava também português. Vera ensinava aos colegas as palavras que queriam saber em guarani. (JEKUPÉ, 2009, p. 17)

O vai e vem de Vera da cidade para aldeia, nos fim de semana e nas férias, pode ser experienciado como um movimento dialético entre alteridade e identidade, mas muito mais dialógico, em que a diferença é percebida sem caminhar para um processo de homogeneização cultural ou um encontro que busque promover identidades uníssonas.

[...] Os kunumi correram todos ao seu encontro para saber coisas da cidade. Vera sentou-se com eles embaixo de uma árvore e falou sobre os costumes dos meninos da cidade. Contou que passam muito tempo sentados em frente a aparelhos, assistindo a programas de televisão ou jogando videogames. (JEKUPÉ, 2009, p. 13)

A grande reviravolta da trama ocorre com o acidente de Vera, que sofre um atropelamento (o não índio que o atropela estava bêbado e não prestou socorro) que deixou a personagem imobilizada. Nesse aspecto, devemos destacar que uma literatura intercultural também pode ser uma literatura menor, e como tal, pode engendrar um processo de desterritorialização⁴ em que o encontro não vem com certa passividade, mas se expressa por meio de violência e explode em heterogeneidades.

⁴ Na perspectiva deleuzeana, o conceito de território ultrapassa a visão etológica e mostra-se filosófica, geográfica, histórica e psicológica. Essa constituição de território estabelece-se como o espaço do sujeito no mundo, a representação do seu desejo. Todos os seres constituiriam territórios se articulando sempre com os movimentos que os fazem se colocar fora deles. Então, a territorialização e a desterritorialização são um fluxo cósmico de entradas e saídas de territórios e fazem parte uma da outra.

A narrativa assume, então, um caráter afirmativo, pois, depois do acidente, Vera é levada de volta para a tribo e ajudado pelo Saci, personagem mítico da cultura guarani, diverso da construção popularizada por Monteiro Lobato, que termina sendo responsável por ajudar o indiozinho a andar. A imagem do Saci nos remete a um elemento de autonomia, de agenciamento coletivo que impregna a obra de um caráter menor, uma relação de empoderamento para a cultura guarani que é capaz de se autodeterminar.

O *Kamba'i*, como o Saci, é conhecido em guarani e retratado na obra de forma a assegurar que é a visão guarani do mito que prevalece na tradição oral e textual indígena. Segundo Graça Graúna⁵, o Saci é um

[...] protetor dos homens e das matas, ou como personagem que se identifica com quem se vê ou se sente diferente, ou até mesmo deslocado dentro ou fora da aldeia. Na sua alteridade, o Saci indígena não usa gorro. Têm as duas pernas e carrega no pescoço um colar, ou baêta.

Ainda mediante a autora (GRAÚNA, 2013, p. 158), é na apropriação que o autor faz da personagem do Saci que Jekupé demonstra o projeto de autodeterminação, o desejo de escrever a própria história e torna-se representante de uma tradição ao revitalizar no conto as tradições orais da sua comunidade guarani. Nesse sentido, a produção de Jekupé instaura pontos de fuga e apropriações com uma textualidade contra hegemônica e discrepante da suposta literatura “de verdade”. Ao falar de si, ao escrever sobre a literatura oral do povo guarani, ele se apropria das coletividades e traduz uma voz coletiva, recupera-a e a experiencia em um pronunciamento político que diz respeito a um povo inteiro, sua sensibilidade e sua história.

Tornando o subalterno uma potência criativa, a obra de Jekupé se configura como um agenciamento coletivo, um fundamento e um discurso de pertencimento que coloca uma língua maior num processo de fluxo e de fuga. Instaurar linhas de fuga, segundo Deleuze e Guattari (1998), deve ser compreendido como uma literatura que não se limita a reconhecer territórios e saberes, mas a questionar os modelos e a propor novos encontros nas relações em que foi produzida, instaurando novas linhas de fuga: fuga diante de fuga.

⁵ (Cf. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil: Disponível em: <<http://oliviojekupe.blogspot.com.br/2007/12/indianidadeoutridade-em-olvio-jekup-por.html>>. Acesso em: 2 ago. 2013.

O Saci indígena (*kamba'i*) é o elo com uma proposta de revisão histórica que transfere a visão da identidade indígena historicamente baseada no equívoco e preconceito pelos não índios, para uma proposta de autodenominação que se insinua como uma literatura afirmativa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Jekupé evoca um sentido de uma escrita de si que repercute na coletividade e na constituição de uma estética comum e presente nas textualidades indígenas, transitando para uma construção autoral e discursiva sobre a identidade indígena produzida pelos próprios nativos.

Se o projeto de lei 11.645/2008 é uma oportunidade de inserirmos a discussão sobre a história indígena nos currículos escolares, também pode significar a partida e o caminho para oportunizar a leitura e a escrita do “índio” não mais pelo outro, mas por meio de sua própria autoria, proporcionar uma relação dialética e dialógica na convivência com alteridades e encontros presentes nas diversas manifestações discursivas e estéticas e instaurar uma perspectiva intercultural voltada para a criação de uma nova subjetividade, aberta aos caminhos das multiplicidades, do trânsito do saberes, da ampliação do ser e de sensibilidades.

Portanto, trazer a literatura indígena para o bojo da discussão sobre as formas de implementar a Lei 11.645/2008 é também um meio de afirmar e empoderar grupos tradicionalmente destituídos de poder, oportunizar a construção de alteridades e possibilitar a negociação de sentidos e tradições. Isso significa promover a construção de uma cultura que valorize a diferença em detrimento da busca por identidades mutilatórias ou homogeneizadoras.

ABSTRACT

This article sets out to discuss how indigenous literature can serve as a mechanism for the application of Law 11.645/2008 in education, with regard to the teaching of indigenous culture, by means of the theoretical premise of interculturality. To that end, it uses the notion of rhizome-book (in the Deleuzian philosophical perspective) as a mechanism capable of allowing a dialogical mediation between cultures and different ways of life. For that purpose, one of the literary works of the Guarani author, Olívio Jekupé will be analysed, as a possibility for making possible the application of the above-mentioned law with regard to the teaching and empowerment of the minorities historically deprived of voice and exiled from official history as indigenous societies.

Keywords: Literature; interculturality; indigenous education; law 11.645/2008.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. Educação intercultural no contexto brasileiro: questões e desafios. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS, 2, 2000, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

COLL, Agustí Nicolau. **Propostas para uma diversidade cultural intercultural na era da globalização**. São Paulo: Pólis, 2002a (Cadernos de Proposições para o Século XXI, 2).

_____. “As culturas não são disciplinas: existe o transcultural?” Educação e Transdisciplinaridade II. São Paulo: TRIOM/UNESCO, 2002b.

DELEUZE, Gilles. **Conversações. (1972-1990)**. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

_____. Diferença e repetição. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Lisboa. [S.l.]: Relógio d'Água, 2006.

_____. Proust e os signos. 2. ed. Tradução Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. Disponível em: <http://www.dossie_deleuze.blogspot.com.br/>. Acesso em: 2 out. 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998. Disponível em: <http://www.dossie_deleuze.blogspot.com.br/>. Acesso em: 2 out. 2010.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil platôs**. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2009. 1 v.

_____. **Mil platôs**. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2009. 2 v.

FLEURI, Reinaldo Matias. (Org.). **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte, Mazza, 2013.

GIMÉNEZ, Gilberto. Estudios sobre la cultura y las identidades sociales. [S.l.: s.n.], 2007. (Colección Intersecciones).

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JEKUPÉ, Olívio. **Literatura escrita pelos povos indígenas**. São Paulo: Scortecci, 2009.

_____. **Ajuda do Saci**. São Paulo: DCL, 2006.

MOÇO, Mafalda. **O texto literário como veículo de diálogo intercultural no ensino/aprendizagem da língua portuguesa**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

Wanderley, Monica Cauhi. Interculturalidade em sala de aula: uma proposta educativa que reflete a natureza em suas múltiplas interpretações. Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 62-74, 2. sem. 2008.

SILVA, Maria da Penha da. A temática indígena no currículo escolar à luz da lei 11.645/2008. **Cad. Pesq.**, São Luís, v. 17, n. 2, maio./ago. 2010.

VACHON, Robert. Le Mythe émergent du pluralisme et del 'interculturalisme de la réalité. Conferência dada no seminário Pluralisme et Societé . Conférence donnée au séminaire I Pluralisme et Societé, Discours alternatifs à la culture dominante, organisé par l'Institut Interculturel de Montréal, le 15 février 1997. Disponível em: <<http://www.dhdi.free.fr/recherches/horizonsinterculturels/articles/vachonpluralism.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2013.

VIDAL, Waldomiro Nunes; VIDAL, Maria Rosária Rodrigues. **Botânica organográfica**: quadros sinóticos ilustrados de fanerógamos. 4. ed. Viçosa, MG: UFV, 1990.

Zourabichvili, François. O vocabulário de Deleuze. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: [s.n.], 2004. Disponível em: <http://www.dossie_deleuze.blogspot.com.br/>. Acesso em: 2 out. 2013.

_____. Deleuze, une philosophie de l'événement. Paris: Presses Universitaires de France. 2e. éd. [S.l.; s.n.], 1996. Disponível em: <<http://avaxhome.ws/ebooks/Deleuze.html>>. Acesso em: 2 out. 2013.

_____. Deleuze e a questão da literaridade. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1309-1321, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.dossie_deleuze.blogspot.com.br/>. Acesso em: 2 out. 2013.